



X Encontro Brasileiro de Administração Pública.
ISSN: 2594-5688
secretaria@sbap.org.br
Sociedade Brasileira de Administração Pública

Habilidade social de empreendedores locais em prol da constituição de sua instituição representativa: ação conjunta no aglomerado produtivo de suinocultura do Vale do Piranga - MG.

Pamela Torres De Oliveira

[ARTIGO] GT 12 Gestão social, poder local e desenvolvimento territorial

Habilidade social de empreendedores locais em prol da constituição de sua instituição representativa: ação conjunta no aglomerado produtivo de suinocultura do Vale do Piranga - MG.

Resumo:

O objetivo deste artigo foi explorar a relação advinda das ações coletivas postas em curso por meio de habilidades sociais de um grupo de suinocultores pioneiros na região do Vale do Piranga - MG que culminaram com a criação de sua instituição representativa. Trata-se de um estudo de caso, de caráter qualitativo, que fez uso de dados de entrevistas realizadas com suinocultores da região. Para análise dos dados, foi utilizado o *software* Alceste, e selecionado trechos de narrativas que contribuíram para as associações e confrontações teóricas necessárias para cumprir o objetivo do estudo. Os resultados demonstraram que houve relevância e mérito atribuída às ações empregadas por atores estratégicos hábeis, destaque para as suas aptidões e práticas. Essa forma de atuação facilitou a cooperação no grupo, e outras vezes evitou a força de coerção e de sanções, e foram de fundamental importância para a idealização e constituição da Assuvap.

Palavras-chave: ação conjunta; ação coletiva; habilidade social; instituição; suinocultura.

Introdução:

A região do Vale do Piranga, localizada da Zona da Mata de Minas Gerais, é reconhecida por sua tradição na atividade econômica de suinocultura. No passado, por volta da década de 1970, a atividade ainda recebia o nome de criação de porcos, porco de chiqueiro e pocilga. No início da década de 1980, essas terminologias passaram a ser substituídas, pois teve início um processo de modernização das granjas, momento em que os produtores locais passaram a absorver um novo conceito de produção de suínos que incluía transformações em termos de tecnologia, genética, nutrição, sanidade, manejo, dentre outros aspectos relativos à produção suinícola.

Em termos práticos, esse processo de modernização foi possível, dentre outros fatores, por ocorrência da atuação na região de um grupo empresarial especialista no segmento de suínos, a Agroceres Pic. Contudo, esse trabalho buscou compreender o aspecto mais complexo dessa transformação que diz respeito às relações sociais, ao comportamento de um pequeno grupo de suinocultores, reconhecidos como líderes ou atores-chave nesse processo, dotados de prestígio, credibilidade e habilidades assentidas pelos seus pares.

Além do referencial teórico apresentado neste trabalho que relaciona os conceitos de habilidade social, ação conjunta e instituições, esse artigo também fez uso do estudo publicado em Oliveira (2017), que investigou o caso da institucionalização do mercado de suinocultura no Vale do Piranga – MG.

A partir dessas referências, o objetivo desse artigo foi explorar a relação advinda das ações coletivas postas em curso por meio de habilidades sociais de um grupo de

suinocultores pioneiros na região do Vale do Piranga - MG que culminaram com a criação de sua principal instituição representativa do setor – a Assuvap (Associação dos Suinocultores do Vale do Piranga - MG) .

Destacar a atuação desses atores hábeis estratégicos, e o papel das instituições no desenvolvimento de um aglomerado produtivo local não se limita a compreender essa relação sob o ponto de vista da competitividade, do cálculo racional, ou das variáveis de aspecto econômico.

Nesse artigo, a instituição Assuvap foi pensada enquanto produto das relações sociais construídas e/ou lideradas inicialmente, por esses atores suinocultores pioneiros na região, influenciados por seus contextos sociocultural e histórico.

Espera-se que esse trabalho possa de alguma forma contribuir para os estudos tanto em estratégias de organizações, como também os que abordam as diferentes lógicas de atuação conjunta, o senso de pertencimento ou identidade, os valores compartilhados e os comportamentos de cooperação em prol do desenvolvimento local.

1. Referencial teórico: ação coletiva, papel das instituições e habilidades social

Em relação às discussões acerca do tema e das relações cooperação e competição, e também do papel das instituições no contexto do desenvolvimento de uma aglomeração produtiva, distintas são as abordagens para explicar como e porquê acontece a ação coletiva ou conjunta. Na perspectiva desse trabalho, considera-se que são abordagens mais complementares do que conflitantes, que destacam diferentes aspectos de análise e reservam suas contribuições e especificidades em análise.

Não obstante à aparente incompatibilidade entre cooperação e competição, Costa e Costa (2007) consideram que há ocorrência de ambas no interior de uma aglomeração produtiva. A competição tem o poder de provocar maior dinamismo no aglomerado, melhorando a competitividade das empresas, condições e práticas produtivas. Por outro lado, a cooperação é capaz de potencializar as economias de escala, reduzir os riscos e custos de transação, melhorar o fluxo de recursos, ensejar capacidades de inovação e e ganhos de oportunidade.

Putnam (2002) defende que a teoria dos jogos contribui para a compreensão do dilema da ação coletiva em diferentes circunstâncias e, em todas elas, é notado que se ambas as partes tivessem optado por cooperar os resultados seriam melhores. Contudo, “a incapacidade de cooperar para o mútuo proveito não significa necessariamente ignorância ou irracionalidade”, pois a condição de cooperar supõe não somente a

confiança no outro, mas também a crença de que se goza da confiança dos demais (PUTNAM, 2002, p. 173).

Nesse sentido, a confiança constitui elemento básico do capital social com potencial de favorecer a cooperação voluntária, contudo é necessário que haja uma previsão do comportamento do outro, sendo que este se movimenta de forma independente (PUTNAM, 2002).

Confiança seria a decisão favorável às expectativas positivas ao invés de expectativas negativas, quando as duas possibilidades forem possíveis. Constitui a perspectiva de que a contraparte agirá de maneira confiável, previsível e também justa, sobretudo quando o potencial para o oportunismo estiver presente (BACHMANN, ZAHEER, 2014).

North (1991) e Douglas (1998) fizeram uso da abordagem neo-institucionalista para explicar a tomada de decisão no sentido de promover a ação coletiva. Nessa abordagem, as decisões tomadas pelo indivíduo são feitas de forma racional, com base no conhecimento de que dispõe e também influenciadas pelos valores institucionais que compartilha. Dessa forma, entende-se que a racionalidade do indivíduo está voltada para o contexto institucional do qual ele faz parte.

A análise da capacidade de ação coletiva a partir da observação do papel das instituições inclui considerar outros fatores de análise para além dos tradicionais econômicos. As instituições teriam capacidade de tanto regular, como serem reguladas por meio de ações de seus participantes, e de outras instituições com as quais se relacionam. Constitui um processo de interação, regulação, e aprendizado de mão dupla, com fins de atendimento de demandas e problemas comuns em pauta, por meio de ação conjunta (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002; NORTH, 2006; BAIARDI, 2008).

Em relação aos marcos temporais em que surgem ou que são criadas as instituições, Fligstein (2007) considera que esses momentos acontecem quando grupos de atores sociais se confrontam uns com os outros em cenários de interação social que haja contestação. Esses momentos teriam origens em crises, por motivos de tentativas de resolução de problemas ou ganho de oportunidade, ensaios de produção de interações estáveis, ou o contrário, produção de novas regras quando as vigentes não mais servem aos interesses dos grupos.

Contudo, o processo de constituição de uma instituição pode falhar, dada a complexidade dos fatores e demandas envolvidas, como exemplo, os diferentes interesses e identidades de grupos que podem comprometer a constituição ou

estabilidade da mesma (FLIGSTEIN, 2007).

Em relação à abordagem neoclássica, Granovetter (1985) considera que existe um viés no sentido de enfatizar a ação coletiva como produto exclusivo das motivações autointeressadas dos atores e independentes das estruturas sociais as quais estão imersos. O autor chama atenção para a necessidade de pensar a ação econômica em seu contexto social, portanto, não pode ser explicada de maneira adequada apenas por motivações individuais nem por acordos ou planos institucionais.

Da mesma forma, Costa e Costa (2007) explicam que a ação coletiva não ocorre simplesmente porque há uma aglomeração de empresas de mesmo setor em um local, isso não forneceria condições suficientes para que haja cooperação. Todavia, consideram importante a existência de uma estrutura de relacionamento entre os agentes, e destes com as instituições, imersa (*embeddedness*) no local, ambiente reconhecido pelos agentes enquanto lugar de compartilhamento de valores, normas e histórias.

Fligstein (2007) faz ressalvas à abordagem neo-institucionalista e também ao modelo de escolha racional sobre a forma como analisam a ação conjunta de grupos. Este autor defende a necessidade de se acrescentar uma concepção alternativa de análise, de ordem sociológica. Para tanto, introduz a concepção de habilidade social, que sugere que para induzir um comportamento cooperativo alguns atores devem ajudar o grupo a decidir seus interesses, desenvolver suas identidades e se envolver com as questões de grupo.

A proposta do autor ao trabalhar esse conceito é fornecer um fundamento sociológico às discussões acerca de ação coletiva, em oposição ao individualismo metodológico tradicional. A habilidade social de atores-chave teria o poder de "induzir a cooperação entre os atores ao definir os interesses e as identidades coletivas que permite o surgimento e a reprodução das instituições" (FLIGSTEIN, 2007, p. 67).

Essa abordagem tem origem no interacionismo simbólico e considera que os atores precisam induzir a cooperação dos outros. Todas as pessoas possuem alguma habilidade social, por atuarem em grupos, mas alguns atores possuem maior habilidade social em obter a cooperação dos outros, sabem como construir coalizões políticas. Dessa forma, o autor destaca que a habilidade de motivar o próximo a tomar parte em uma ação coletiva é uma habilidade social essencial para a construção e reprodução de ordens sociais locais.

A vida social incita em diferentes momentos e contextos a necessidade de ação

conjunta, e os participantes dessa ação são levados a cooperar, essa ação pode acontecer de forma consciente e voluntária, ou pode ocorrer o uso de coerção e sanções para constringer os demais participantes a cooperar.

Nessa perspectiva de evitar a força de coerção e sanções, Fligstein (2007) descreve que os atores estratégicos hábeis possuem aptidões e práticas capazes de fornecer identidades e quadros culturais para motivar os outros no sentido das ações que precisam, ou que desejam, ser realizadas.

Os atores estratégicos hábeis, também chamados de empreendedores institucionais, seriam capazes de encontrar formas de persuadir atores e grupos com características diversas a cooperar, assumindo o ponto de vista desses grupos e criando significados capazes de exercer apelo a um maior número de atores (FLIGSTEIN, 2007).

2. Metodologia

O artigo pode ser classificado como um estudo de caso já que buscou realizar um exame detalhado de uma situação em particular. Para tanto, usou como referência de acesso aos dados a pesquisa de Oliveira (2017) que também estudou o caso da suinocultura do Vale do Piranga – MG sob o ponto de vista da compreensão do processo de institucionalização de suas entidades.

Em relação ao acesso de dados, foram utilizadas fontes primárias e secundárias provenientes das entrevistas realizadas com roteiros semiestruturados e de documentos (atas, estatutos, informes e vídeo institucional pertencente à associação investigada), e de referências bibliográficas sobre a temática abordada (GODOY, 1995).

Os sujeitos de pesquisa foram os suinocultores ocupantes do cargo de diretor presidente, ou membros das chapas de gestão eleitas, identificados ao longo da história de constituição e estabilização da Assuvap, criada formalmente em 1985. No total foram identificados e entrevistados 14 suinocultores, que em algum momento dessa história foram membros gestores dessa associação.

Acerca da contextualização temporal, esse artigo fez uso da abordagem longitudinal, uma vez que o objeto em estudo foi abordado a partir do seu contexto sociocultural e histórico (PETTIGREW; FERLIE; McKEE, apud SALAMA, 1994). Para tanto, buscou-se compreender o processo de constituição da Assuvap a partir das narrativas dos suinocultores envolvidos diretamente nesse processo, que foram os fundadores e/ou gestores dessa entidade, e considerados atores estratégicos hábeis.

Pode-se considerar um artigo essencialmente qualitativo com enfoque sócio-histórico que na perspectiva de Freitas (2002) não coloca o foco de investigação em resultados mas na "compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação" correlacionados ao contexto do qual fazem parte (Bogdan, Biklen, 1994, p.16 apud FREITAS, 2002).

O enfoque da pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste portanto, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e buscando as suas possíveis relações, fazendo a integração do indivíduo com o social (FREITAS, 2002).

Em relação à análise de conteúdo, esse artigo utilizou como referência os dados sistematizados em Oliveira (2017) que fez uso do *software* Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto), programa de análise de dados textuais criado por Max Reinert e introduzido no Brasil em 1998 (IMAGE, 1998).

Seguindo as orientações de Camargo (2005) e Souza et al. (2009) sobre os procedimentos operacionais para utilização do Alceste, Oliveira (2017) organizou um banco de dados das entrevistas realizadas com os suinocultores, as quais foram digitalizadas e reunidas em um único documento digital, chamado de *corpus*. O *corpus* consiste na coleção completa dos escritos resultantes das entrevistas realizadas, e reunidos em um único documento, sendo o conjunto finito de materiais preparados de antemão pelo pesquisador, de acordo com a finalidade metodológica adotada no estudo (AZEVEDO, COSTA, MIRANDA, 2013).

Por meio do acesso ao *corpus* (fonte de dados primário), e do resultado que colocou a Assuvap em destaque na Unidades de Contexto Elementares (UCEs) classe 2 na pesquisa de Oliveira (2017) (fonte de dados secundária), a análise de conteúdo empregada nesse artigo considerou os trechos de narrativas que deram suporte para se fazer as associações e confrontações teóricas necessárias para cumprir o objetivo deste estudo.

3. Ação coletiva e habilidade social: o processo de constituição da Assuvap e o papel de suinocultores enquanto empreendedores institucionais.

As narrativas que resgataram a forma como emergiu ou os fatores que levaram à criação da Assuvap retomaram o período anterior a 1985, ano de constituição formal da associação, e indicaram os principais atores que estiveram envolvidos nessa iniciativa, assim como o papel desempenhado por eles.

Nesse sentido, o enfoque sócio-histórico considerado em função do objetivo desse artigo provocou a necessidade de considerar e compreender os eventos narrados que dizem respeito ao momento anterior ao surgimento da Assuvap, identificar suas relevâncias nas narrativas e possíveis relações para a compreensão da dimensão indivíduo com o social.

Os relatos dos entrevistados mostraram uma preocupação à época em relação à crise da atividade de cana-de-açúcar na região e a necessidade de se pensar em uma atividade secundária que não fosse competitiva em termos de recursos com a atividade agrícola. Essas falas revelam características do cálculo racional efetuado, na época, principalmente por aqueles que foram produtores de cana-de-açúcar, e que influenciaria suas decisões futuras.

[...] tinha que ser uma atividade que poderia ser intensiva em capital porque ele [o fazendeiro] estava capitalizado. Segundo, cana-de-açúcar é muito intensivo em terra, tinha que ser uma atividade pouco intensiva em terra, ora a suinocultura é pouco intensiva em terra. Terceiro, a mão de obra na cana-de-açúcar era muito intensiva em mão de obra, a suinocultura pouco intensiva em mão de obra [...] você tem capital, terra e mão de obra, então os recursos da agricultura não concorriam com os da suinocultura [...] E tem um quarto [fator] que é tecnologia, a tecnologia poderia ser comprada, poderia ser importada e até mesmo criada, mas dependeria de um processo administrativo muito mais refinado do que cana-de-açúcar, porque a tecnologia de cana-de-açúcar é muito lenta, [...] (E12).

Sobre a reflexão e o cálculo racional efetuado que levou à opção da escolha pela suinocultura como atividade secundária na qual pudessem investir, foi observado nos discursos o entendimento de que tanto a cana-de-açúcar como o leite eram atividades tabeladas pelo governo, e o preço do suíno não. A oportunidade percebida por esses atores foi a de investir em uma atividade que tivesse uma aceitação regional e que pudesse ser comercializada pelo preço de mercado, não vinculada à subsídio.

A evolução da suinocultura de uma atividade secundária para primária passou por alguns processos, dentre os quais se destacou a tecnificação da produção. A suinocultura caracterizada como moderna diz respeito à atividade destinada à produção tecnificada de animais que serão abatidos ou usados como reprodutores, abrange conhecimentos e investimentos diversos na produção, como genética, manejo, sanidade, instalações, nutrição e assistência técnica. Além disso, a aplicação desse *know-how*

necessita estar harmonizada com a eficiência e a lucratividade das granjas (CRITT, 2003; ROCHA, 2006).

Os trechos de narrativas que descrevem esse momento de transformação da atividade também apresentam os nomes, ocupações e papéis de um pequeno número de pessoas consideradas produtores pioneiros nesse movimento, ou profissionais guias desse processo de modernização. Os entrevistados atribuíram a esse pequeno grupo de atores, suinocultores e profissionais de serviços veterinários, que posteriormente alguns também viriam a se tornar suinocultores, o papel de precursores desse processo de tecnificação da suinocultura.

A identificação dessas pessoas, de seus papéis e das ações por elas empregadas foi importante porque ajudou a compreender os eventos que tanto fortaleceram a atividade suinícola na região, como instigaram as primeiras discussões acerca da necessidade de se organizarem enquanto associação.

A forma como foi revelada e descrita as atuações dessas pessoas nas narrativas permite considerá-las como atores estratégicos hábeis pois, influenciaram o processo de tomada de decisão de outros atores, suinocultores e outros envolvidos na atividade.

Regras e recursos empregadas no processo de tomada de decisões também fazem parte da vida social, nesse sentido, pode-se dizer que esses atores manifestaram certa capacidade em utilizar habilmente desses elementos para induzir um comportamento cooperativo junto aos suinocultores. Atuaram construindo coalizões políticas para ajudar o grupo a definir e organizar seus interesses, compor suas identidades e se envolverem com as questões, problemas e oportunidades, da suinocultura na região (FLIGSTEIN, 2007).

As aptidões e práticas desses atores estratégicos esteve presente tanto no momento de discussões acerca da mudança de mentalidade que colocaria a suinocultura como atividade principal na região, como também no momento de crise no qual foi reforçado a necessidade de se organizarem em associação.

[...] quando criamos a Assuvap, a primeira coisa que pensei foi chamar o grupo, reunir o pessoal, as reuniões eram todas às quintas-feiras ali na porta da Cemig, no bar do Carrer. Nós ficávamos batendo papo, quando eu pescava tinha muita tilápia e eu levava, isso facilitou muito o pessoal a ficar mais conhecido, ter certa amizade, então não tivemos problemas nesse sentido (E14).

No caso da suinocultura do vale do Piranga – MG, pode-se dizer que esses atores

estratégicos hábeis, também chamados de empreendedores institucionais, foram capazes de encontrar formas de induzir os demais suinocultores com características diversas a cooperar, assumindo o ponto de vista desses grupos e criando significados capazes de exercer apelo a um maior número de atores.

[...] mas eu, modesta à parte, consegui uma coisa que poucos conseguiam, porque eu sempre pensei diferente, eu sempre pensei que era preciso reunir essa turma, começar a conversar, tomar uma cerveja, e aí foi nascendo uma amizade, uma confiança um com o outro, então no fim nos discutíamos um com o outro, um falava lá: “quantos suínos tem pra vender?”, outro falava a respeito da freguesia deles, e isso eu acredito que foi importante para o desenvolvimento da associação (E14).

[...] porque eu tenho por princípio que a classe unida ela é mais forte, então eu acho que não tinha como ficar fora da Assuvap, a gente tem que participar e unir a classe em torno dos objetivos que a gente tem em vista, [...] (E4).

Os conhecimentos técnicos que dispunham, a credibilidade, confiança e relações sociais que mantinham foram os principais elementos ressaltados nas narrativas e que contribuíram para que houvesse uma expectativa de que agiriam de maneira confiável, previsível e também justa, sobretudo quando o potencial para o oportunismo estivesse presente (BACHMANN, ZAHEER, 2014).

[...] na verdade assim, apesar de serem todos amigos e serem todos suinocultores, eram todos concorrentes, mas essa concorrência não atrapalhava, havia sempre um respeito muito grande, cada um já conhecia o outro sabia a forma de lidar com cada um, e essas demandas foram aparecendo aos poucos na Assuvap (E17).

[...] a criação [da Assuvap] foi no braço mesmo, e eu falo o seguinte: foram os suinocultores que tinham uma formação acadêmica muito boa e que viam na atividade um futuro muito grande, mas acima de tudo foram homens de visão, [...] com formação pessoal muito boa, foram pioneiros mesmo (E12).

Em relação aos desafios para reunir os suinocultores e incentivá-los a participar das reuniões que discutiam os problemas do setor, é possível notar a importância da capacidade e habilidades desses atores singulares em coordenar as ações dos demais no sentido das decisões consideradas importantes para o fortalecimento da suinocultura na região.

Pode-se dizer que em função das dificuldades encontradas, dos problemas comuns vivenciados na região, da possibilidade do desenvolvimento de uma nova atividade econômica, tudo isso externalizado em pequenas reuniões, em rodas de conversas informais, incentivadas e coordenadas por esses atores estratégicos corroborou para que ocorresse na região um processo de mudança de mentalidade, de formação de uma identidade ou mesmo de compartilhamentos de valores ainda que inicialmente de forma incipiente.

Claramente, tal processo não ocorreu sem dificuldades e frustrações, houve relatos, por exemplo, que destacaram as limitações no acesso a informações relativas ao preço praticado no mercado do suíno pelos diferentes suinocultores, esse dado servia de base ou referência para os suinocultores comercializarem o produto na região.

Em relação à criação da Assuvap, foi identificado nas narrativas que houve um certo gatilho para a decisão de se constituírem formalmente enquanto associação, esse gatilho foi interpretado como um problema comum para os suinocultores da região o que teria açulado a necessidade de ação coletiva. Fligstein (2007) interpretou esses marcos como momentos em que os atores sociais se confrontam uns com os outros em cenários de interação social que haja contestação.

Nesse sentido, pode-se dizer que o momento que emerge a Assuvap tem origens em crises, por motivo de tentativa de resolução de problema comum à classe. Segundo os relatos, esse gatilho foi desencadeado porque a atividade de suinocultura no município de Ponte Nova – MG estava passando por um período de intensa fiscalização das granjas de suínos e um movimento de adaptação às novas legislações ambientais, às normas de manejo e às normas de segurança alimentar. Esse marco inclusive é recordado em um vídeo institucional exibido no canal TVAssuvap no YouTube, com fins de comemoração dos 25 da Assuvap – Documentário Assuvap 25 anos – Uma História de União e Amizade (GOMIDES, 2010).

[...] com uma tributação que não estávamos concordando e quando íamos conversar com os políticos, eles falavam que o ideal seria que a turma de suinocultores fizesse uma associação, que teria mais representatividade, [...] precisava de uma representação mais regional creio que sim, pois cada região tem seus problemas específicos (E2).

Nesse momento, início da década de 1980, um dos fundadores da Assuvap, primeiro presidente da instituição, reconhecido através da análise das narrativas como um desses atores estratégicos daquela época, e os demais suinocultores participantes das

reuniões ainda informais tiveram a percepção de que era necessário que aquele grupo atuasse de forma mais organizada.

Em relação à propensão para cooperar, foi notado que dentro desse grupo já havia a percepção de que ao estabelecerem uma organização formal teriam maiores condições de comunicar seus pleitos. Outrossim, os conhecimentos e as habilidades reconhecidas e atribuídas a esses atores estratégicos foi outra fonte importante para vislumbrar a oportunidade de criação de uma associação regional.

[...] mas a Assuvap, ela nasceu da necessidade que esses produtores que estavam na época viram em se associar para ter alguém que pudesse levar os pleitos e conversar entre eles sobre a situação de mercado. Eu acredito que nessa época era o principal interesse trocar informação sobre a produção, o que cada um estava fazendo e as produções de mercado, como é que estavam os preços, tanto de insumos para comprar, para a produção, como para vender os animais, então a Assuvap no início ela foi montada com esse objetivo (E8).

A criação da Assuvap foi por meio do Dr. Márcio, ele liderando, ele foi o primeiro presidente, porque ele é agrônomo, ele trabalhava na Epamig, ele tinha uma influência grande, um cara muito bom, e começamos a reunir e as pessoas uniram-se à Assuvap, [...] (E16).

Verifica-se que o surgimento da Assuvap enquanto instituição representativa dos produtores de suínos locais foi resultante de ações econômicas e políticas exercidas por meio de um sistema de relações sociais, que ganhava robustez e representatividade, e que foi capaz de exercer notável influência no comportamento dos associados (GRANOVETTER, 1985). Tal comportamento está associado às diferentes motivações que os suinocultores encontraram em relação à decisão de associar/cooperar, ou não.

Os suinocultores efetuaram o cálculo racional das condições que melhor atendiam seus interesses particulares, moldados pelas percepções de necessidade e oportunidade que eles observavam, com base no conhecimento de que dispunham. Contudo, foi constatado que suas decisões também foram influenciadas pela visão e modo de agir daqueles que são reconhecidos como empreendedores sociais, atores estratégicos hábeis.

Da mesma forma, os valores compartilhados pelo grupo social e o senso de pertencimento e identidade que vinha sendo desenvolvido acerca da suinocultura na região, funcionaram como condicionantes para um comportamento de cooperação (NORTH, 1991, 2006; DOUGLAS, 1998).

O trecho da narrativa a seguir exemplifica tanto a motivação advinda da necessidade econômica de se organizar, como a relevância dessas relações sociais, influenciadas pelo papel dos atores hábeis, no processo de constituição da Assuvap.

[...] eram reuniões onde se discutia semanalmente, era sempre às quintas-feiras, onde se discutiam o preço de suíno para a próxima semana, estabelecia ali o preço básico, um parâmetro para a comercialização e sempre depois dessas reuniões a gente saía, ia sentar em um bar, alguma coisa, ficávamos conversando fiado, e isso fortaleceu muito essas reuniões, contava com a presença de muita gente (E17).

A legitimidade conferida aos atores estratégicos hábeis também se manifesta Assuvap sob diferentes aspectos, a exemplo das votações de membros para ocupar a gestão da associação. As ações e os discursos desse grupo pioneiro, e também dominante, no âmbito da Assuvap promoveram regras de interação social e de negócios, que foram capazes de capacitar, assim como coagir, os demais participantes com fins de atingir os interesses que entendiam como sendo importantes para o fortalecimento da classe (NORTH, 2006).

Essas relações sociais construídas e/ou fortalecidas dentro da Assuvap mostrou a capacidade dessa associação de facilitar o envolvimento dos suinocultores locais e de coordenar suas ações cooperativas a fim de obter não somente melhor desempenho econômico, mas também a representatividade da atividade de suinocultura no Vale do Piranga - MG (COSTA, COSTA, 2007; BACHMANN, ZAHEER, 2014).

Por outro lado, a Assuvap também exerce um papel regulador, manifesto por meio de normas ou regras estabelecidas, inclusive em estatuto, e por valores compartilhados, externalizados tanto nas relações sociais entre os suinocultores associados, como explícitos em sua missão e valores institucionais.

A criação e manutenção dessa instituição veio estimulando a ação coletiva para superação de problemas comuns da suinocultura ao longo dos anos de sua existência. Sua atuação vem sendo capaz de moldar as políticas e as regras de interação social que dão identidade aos produtores suinocultores locais, de moldar a sua própria história como instituição, de como surgiu, se manteve e se transforma, assim como de moldar o contexto social no qual esta inserido, influenciado pelo condicionamento cultural herdado e praticado por seus participantes, sobretudo pelo grupo pioneiro reconhecido como atores-chave no processo de sua criação (PUTNAM, 2002; NORTH, 2006).

4. Conclusão

Ao colocar em evidência o papel de atores estratégico hábeis, identificados e reconhecidos por meio das próprias narrativas dos entrevistados, foi explorado o contexto sobre o qual foram empregadas as ações coletivas que culminaram com a criação de sua principal instituição representativa do setor – a Assuvap.

A análise das narrativas demonstrou a existência e relevância do papel desse pequeno grupo de suinocultores citados e auto-denominados pelos entrevistados como figuras empreendedoras, políticas e líderes responsáveis pela condução das principais decisões relacionadas à suinocultura.

Foi associada a esse grupo a capacidade de induzir o comportamento de cooperação entre os suinocultores ao definir as demandas, interesses e identidade comum do grupo, o que levou inclusive à ação coletiva de criação de uma instituição representativa e política de seu setor.

O estudo considerou o contexto histórico e social sobre o qual aconteceu esses movimentos conscientes e voluntários postos em cursos por esse grupo de suinocultores para melhor compreensão da ação coletiva que deu origem à Assuvap enquanto instituição. Das narrativas foi possível observar dois fatores que exemplificam esse processo.

O primeiro fator foi a percepção de que as fraquezas e os problemas enfrentados pelos produtores de suínos da região eram semelhantes, o que criou uma expectativa de benefício por meio de ação conjunta. Esse primeiro fator destacou o cálculo racional sobre as demandas que atendiam aos interesses dos indivíduos, mas que atendiam também a classe produtora.

O segundo fator diz respeito às relações sociais, às manifestações de relações de amizade, de confiança e de prestígio atribuídas aos atores-chave, os quais fizeram uso de suas capacidades e habilidades políticas e sociais contribuindo, dentre outros fatores, para a promoção de uma identidade de grupo, de um senso de pertencimento, portanto de um componente de coesão da classe.

Foi observado que houve relevância e mérito para as ações empregadas pelos atores-chave, observado por meio dos destaque nas narrativas de suas aptidões, habilidades e práticas. Essa forma de atuação facilitou a cooperação no grupo, e outras vezes evitou a força de coerção e de sanções, e foram de fundamental importância para a idealização e constituição da Assuvap.

Essa instituição representa o produto das relações sociais construídas por esses

atores suinocultores pioneiros, influenciados por seus contextos sociocultural e histórico, e que ainda hoje exerce o papel de regulação do comportamento da classe, principalmente na esfera de representação do setor frente aos pares, demais associações e outros atores da cadeia de produção.

Por fim, observou-se ainda que através da Assuvap é defendido e afirmado entre os associados, e comunicado ao público externo, um senso de pertencimento e de identidade do setor de suinocultura do Vale do Piranga -MG, manifesta por meio de sua missão e seus valores institucionais.

Referências:

- ASSUVAP. ASSOCIAÇÃO DOS SUINOCULTORES DO VALE DO PIRANGA. Website Institucional. Disponível em: <<http://www.assuvap.com/assoc/pt/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016.
- AZEVEDO, D. M; COSTA, R. K. S; MIRANDA, F. A. N. **Uso do Alceste na análise de dados qualitativos:** contribuições na pesquisa em enfermagem. Revista de Enfermagem, UFPE On line, Recife, 7(esp): 5015-22, jul., 2013.
- BACHMANN, R; ZAHEER, A. **Confiança nas relações interorganizacionais.** In: CROPPER, S. et al. Handbook de relações interorganizacionais da Oxford. Porto Alegre: Bookman, 2014. 479 - 498 p.
- BAIARDI, A. **Competição e Cooperação/ Cooperação.** Organizações & Sociedade, v. 15, n. 45, p. 47-60, 2008.
- CAMARGO, B. V. **ALCESTE:** um programa informatizado de análise qualitativa de dados textuais. In Moreira, A.S.P. et al. (Orgs.). Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005, 511- 539 p.
- COSTA, A. B.; COSTA, B. M. **Cooperação e Capital Social em Arranjos Produtivos Locais.** Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 9, n. 15, Salvador – BA, Janeiro, 2007.
- CRITT/UFJF – Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia/Universidade Federal de Juiz de Fora. **Diagnóstico do Arranjo Produtivo da Suinocultura de Ponte Nova e Região.** UFJF: Juiz de Fora, 2003. 97 p.
- DOUGLAS, M. **Como as Instituições Pensam.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 1998.
- FLIGSTEIN, Neil. **Habilidade social e a teoria dos campos.** Revista de Administração de Empresas - RAE, abr./jun., p. 61-80, 2007.
- FREITAS, M. T. de A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa, 2002, 116, 21–39. Disponível em: <

<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200002>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas - RAE, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GRANOVETTER, M. S. **Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness**. American Journal of Sociology, 91: 481-510, 1985.

IMAGE. **Alceste**: Analyse de données textuelles. Toulouse: Manuel d'utilisateur. 1998.

NORTH, D. C. **Institutions**. Journal of Economic Perspectives, [s.l.], v.5, n.1, 1991.

_____. **Custos de Transação, Instituições e desempenho Econômico**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal. 2006.

OLVEIRA, Pamela Torres de. **Ação conjunta e cooperação em aglomeração produtiva: institucionalização da suinocultura no Vale do Piranga - MG**. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ROCHA, D. T. **Competitividade entre os sistemas integrado e independente de produção de suínos**. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2006.

SALAMA, A. **O uso da biografia de uma organização como método de pesquisa para a investigação do desenvolvimento organizacional**. Revista da Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.34-42, jan./mar., 1994.

SOUZA, E. S. et al. **Guia de utilização do software Alceste: uma ferramenta de análise lexical aplicada à interpretação de discurso de atores na agricultura**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 37p. 2009.

TV Assuvap - **Documentário Assuvap 25 anos**. Coord. Produção de Paula Gomides.

Documentário. Canal TVAssuvap no YouTube. 2010. Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=09qUzt7deME> >. Acesso em: dezembro de 2016. VALE